

nus Musa, um martelo ou *malleus*, correspondente a *Publius Malleolus*. Acêrca deste assunto, quanto á antiguidade, vid.: Reinach, *Manuel de Philologie*, I, 105; Lenormant, *Monnaies et médailles*, p. 100. Entre nós temos, por exemplo, nas moedas de D. Antonio, Prior do Crato, cunhadas em Angra, o simbolo do «açor», por alusão ao nome do Arquipelago.

Comparando entre si certas moedas de um mesmo tipo geral, e provenientes de uma mesma officina, observam-se nelas, por vezes, diferenças, quer no cunho, quer na legenda, as quais se chamam *variedades*.

Quando uma d'essas moedas é menos importante que a outra, ou menos antiga, chama-se *variante* d'essa; quando não pode saber-se a data, ou quando a importancia é quasi igual ou igual em ambas, diz-se simplesmente que são *variantes* entre si.

Variedade. Vid. *Tipo*.

Verso. Vid. *Anverso*.

Desenhos de F. Valença.

J. L. DE V.

Antiquitvs

(Continuado d-O Arch. Port., xxx, 1 a 13)

XXIX

Sepulcros romanos inéditos no Casal de Santo Amaro (junto a Sintra)

Na crónica de velharias sintrenses, aqui publicada em 5 de Outubro último, sobre a Ermida de Santo Amaro, prevendo a curiosidade do leitor, a quem a presença isolada dêste monumentozinho religioso na desolante charneca do mesmo tópicó surpreendesse, revelei o achado, no casal vizinho, de duas antigas sepulturas pagãs, uma delas com inscrição, facto que devia, por si só, ser interpretado como explicativo do culto cristão naquele sítio. E por sua vez também, o aparecimento de lápidas romanas não devia causar estranheza nesta região.

A romanização do território de «Olisipo» foi bastante intensa para E. Hübner, o notável epigrafista alemão, ter registado no *Corpus Inscriptionum Latinarum* mais de trinta epígrafes, só no alfoz de Sintra, às quais devem hoje somar-se algumas posteriormente encontradas. Mas muitíssimas mais certamente destruíram os dezanove

séculos transcorridos e ocupados, por assim dizer, a aniquilar os veneráveis vestígios do passado, mórbida psicologia de que nem a terapêutica do nosso civilizardíssimo século ainda nos deu por curados.

Por outro lado, localizava-se neste sítio um caso de tradição, a que era necessário dar merecido vulto. Desde o primeiro dia em que casualmente me prendeu os olhos a galilé, sedutora de antiguidade, de Santo Amaro, reflecti sobre a possível vizinhança de sepulturas antigas. Não era vão nem leviano o meu pressentimento, porque, transpondo o tóscico portal do próximo Casal de Santo Amaro, logo fui encontrar as lápidas correspondentes àquelas sepulturas, tendo uma, a epigrafada, a serventia de pia de cal, e a outra, desaproveitada. Uma «villa rustica» ali devia ter existido nos primeiros séculos da era cristã; dos frutos daquele mesmo chão de lavradio, ainda hoje fabricado, se alimentaram êsses recuados habitantes, de cujas jazidas se encontravam as provas irrefragáveis; adstritos às mesmas glebas de então, os casaleiros de agora revolvem ainda a mesma terra, à luz do mesmo sol! Êste encadeamento inexorável das gerações, no desenrolar de tantos séculos, tem aspectos de sentimento, que nos vem estimular o amor do torrão pátrio, como velho morgadio de sangue.

A inscrição funerária ocupava o tópo transversal da tampa do sarcófago, cuja forma característica costuma ser comparada à de um baú, barril ou meia coluna ôca. Esta classe de monumentos é constituída por uma pia rectangular de menor comprimento que o corpo humano, destinada a receber as cinzas da cremação, piedosamente ainda resguardadas dentro de algum pequeno recipiente de vidro ou de chumbo. Dá-se-lhes em arqueologia a denominação de sepulturas «cupiformes» ou «arciformes» e o epitáfio costumava ser gravado ou no tópo da pedra que constituía a tampa, como é o caso presente, ou a um dos lados. Em Portugal são as províncias meridionais que têm revelado maior disseminação dêste tipo de sepulturas romanas e o motivo é que a sua introdução se effectuou através do «Fretum Gaditanum», isto é, do estreito de Gibraltar, por provirem da Mauretânia, como mostrarei.

*

Vejamos, pois, a epígrafe do único monumento que a tinha:

I V L I A IIII

IIII . . V S C A A

IIII . . C A S S I V

IIII . . A S S

H

A degradação da lápida inutilizou todos os esforços empregados para ler integralmente esta inscrição, que aliás obedece aos mais simples formulários, pois que indica o nome da pessoa falecida «(Julia (T)usca)» com a sua idade (A...) (ilegível) e o nome incompleto da pessoa ou pessoas dedicantes do sepulcro «(Cassio)» ou talvez «Cassia» e, provavelmente, a primeira letra da abreviatura da cláusula final: «está aqui sepultada» (H.S.E). Era o essencial.

É geralmente sabido que não só os nomes pessoais romanos tinham preceitos reguladores da sua estrutura, mas as inscrições eram redigidas segundo fórmulas variáveis com a classe a que pertenciam. E é por isso que é possível, diante de uma epígrafe incompleta, determinar a função das palavras que faltam. Ora cada nome de pessoa compunha-se de três elementos designados por: *prenome*, *nome gentílico* e *cognome*.

O nome de *Julia*, como feminino que era, não tinha porém prenome. Por isso, antes dessa palavra, não podia encontrar-se no epitáfio nenhuma outra palavra.

Julia era no 1.º século da era cristã nome vulgar nesta região olisiponense (*Felicitas Julia* era o epíteto concedido a *Olisipo*); o *Corpus Inscriptionum Latinarum* de E. Hübner, obra monumental de que não pode prescindir-se quando se trata de epigrafia romana na península hispânica, colecionou ali quasi uma dúzia de legendas latinas com *Julia*.

Os caracteres que, na mesma 1.ª linha, deviam seguir-se àquele nome, revelavam a filiação, expressa pela inicial do *prenome* do pai antecedida da abreviatura F. (filia) ou a tribu, mas o espaço não permitia as duas menções.

Na 2.ª linha apenas se lê *usca*. É parte do cognome de *Julia*. Seria *Fusca* ou *Tusca*, este mais comum que aquele na Lusitânia. É ainda o *C. I. Latinarum* quem me sugere esta reintegração, que também prova que o primeiro nome da inscrição estava em nominativo; podia estar em dativo.

Depois do provável *Fusca*, vê-se um *a* maiúsculo, ao qual se seguiriam mais letras no espaço que resta ainda. Devia ser o princípio da palavra *annorum* ou antes da sua abreviatura *an*; o que indicava a idade com que *Julia Tusca* falecera. O ordinal correspondente só podia estar na 3.ª linha, por falta de espaço na 2.ª

Na 3.ª lê-se bem *Cassiu*, de que não se encontra o *s* final que foi destruído. Era o nome gentílico do talvez parente que mandou recolher as cinzas de *Julia* no modesto monumento arciforme. Deveria estar precedido do seu *prenome*. E. Hübner menciona no *C. I. Latinarum* uns nove *Cassios* só na Lusitânia.

Da 4.^a linha desta inscrição restam legíveis apenas três letras: ASS; talvez o feminino «Cassia», cônjuge de «Cassio»; homonímia não rara; terminaria essa linha por dois caracteres F e C, que seriam as iniciais das palavras «Faciendum Curavit» ou «Curaverunt» (mandou ou mandaram fazer).

A 5.^a linha, de que há um quâsi ilegível H, deveria ter, como já disse: H·S·H (= *hic sita est*): está aqui sepultada.

*

Esta epígrafe funerária corresponde a uma fórmula geral muito concisa; é o seu mau estado de conservação que dificulta a leitura. E como estas pequenas crónicas sintrenses têm a dupla intenção narrativa e didáctica, em prol da propaganda da região, dilatei-me um tanto na aplicação ao caso presente de alguns preceitos epigráficos, processo que seria impertinente em uma revista científica, em cujos leitores se presumem conhecimentos fundamentais¹.

As pessoas mencionadas nesta lápida arciforme usavam já nomes não indígenas, mas de estirpe romana, o que pode depor, mas só provavelmente, como sintoma da romanização demográfica desta província; seria preciso percorrer todo o onomástico latino da epigrafia romano-lusitânica para tirar corolários um tanto seguros. Sob este aspecto onomatológico há ainda uma coincidência que não deixarei escurecer. E. Hübner arquiva três inscrições funerárias que, com a de Santo Amaro, denunciam a mais estreita analogia. Os nomes que elas contêm são os seguintes: «Julia mater Tusca», «Julia C. F. Tusca» e «Julia Q. f. Fu(sca)»; esta de Chelas, as outras de local ignorado. Não se trata claramente da mesma defunta, nem da mesma epígrafe, mas há homonímias curiosas a notar neste capítulo de epigrafia latina. Na Covilhã encontrou-se também uma lápida com o nome «Tusca».

O estado de degradação em que os caracteres desta legenda se encontram mal permite uma suposição cronológica fundada em paleografia, se bem que não é só esta sciência que auxilia o conhecimento do século, a que pertence um título imperatório. Em todo o caso, como corolário das considerações anteriores, poderei aventar que esta sepultura é do século I ou II, mas mais provavelmente do 1.^o século, em que o nome de Julia teria maior voga.

¹ A razão dêste dito está em que êste e outros trabalhos relativos à região de Sintra destinam-se a um volume que terá por título o de *Sintra do pretérito*.

As dimensões da tampa dêste monumento são: 0,80 para o comprimento; 0,45 para a largura; a não epigrafada mede 1,20 de comprimento e 0,55 de largura. As arcas pròpriamente não foram encontradas; as inscrições eram sempre lavradas na peça superior da sepultura. Os dois monumentos foram cedidos pelo S.^{or} Moreira Rato ao Museu Etnológico do Dr. Leite de Vasconcelos, onde se encontram.

F. ALVES PEREIRA.

Miscelânea arqueológica

III

1. Ornamentos da Igreja do Salvador da Ilha do Faial

Lopo Serraão escudeiro do duque de Bragança que ora tenho carrego dalmoxarife nesta ilha do Faiall faço ssaber a quantos esta certidam virem que Bastiam Nunez morador nesta dita ilha me entregou os ornamentos que sse sseguem que lhe forom entregues no tesouro dEl Rei nosso Senhor que os entregasse nesta ilha e me entregou primeiramente pera a igreja do Salvador os ornamentos seguintes:

Primeiramente hũu calez de prata com ssua patena que pesou hũu marco e meo. Item hũu syno que pesou tres quintaes e xx arrateis. Item dous livros missaes de forma misticos encadernados. Item hũu livro de canto de forma encadernada. Item hũu tribollo de latam. Item hũu frontall de chamalote alionado de seis panos forrado de bocassym e franjado de barbilho de cores. Item outro frontall de lanbell pintado. Item duas sobrepelizias de lemço. Item duas toalhas de Frandes pera o altar que tem seis varas e mea. Item hũu retavollo pintado de oleo de tintas finas dourado por partes com as armas reaes com esperas da envocaçam do Ssalvador quando appareceo a Madanella no orto que lhe disse *nolli me tangere* forrado de tavoado de pinho e ho pee e ilhargas cubertas de calhamaço. Item hũu par de galhetas e hũuas obradeiras.

E pera a Igreja de Santa Catarina os ornamentos sseguintes.

Item hũua vistimenta de chamalote alionado com ho ssauastro doutro chamalote rroxo forrada de bocassym e franjada de barbilho de cores com todos seus comprimentos e alva. Item outra vistimenta de pano pintado de Frandes forrada de bocassym e franjada de bar-